

*A GEOGRAFIA EM “CANTO DO POVO DE UM LUGAR”***RESUMO**

A partir da Geografia Humanista e da Fenomenologia discutir-se-á a experiência motivada por “Canto de um povo de um lugar”, música de Caetano Veloso¹, com alunos do 6º ano do ensino fundamental em estudos sobre movimento aparente do Sol. A metodologia adotada visou explorar a relação Geografia-Música e, a partir dela e com ela, instigar o processo de aprendizagem acerca de fenômenos geográficos. A música é feita por, para, com e sobre pessoas, nesse sentido o trabalho em sala de aula com música tem a intenção de abarcar esses simbolismos e relações, tomando-a em sua totalidade. Um pensar e agir sem escalas e fronteiras nitidamente definidos entre muros e cartilhas de governo, entre oposição indivíduo e coletivo.

Palavras-chave: ensino de Geografia; música; Fenomenologia

ABSTRACT

From the Humanistic Geography and Phenomenology will discuss her experience motivated by "Song of a people from one place" music of Caetano Veloso with students of the 6th year of elementary school in studies of apparent movement of the sun. The methodology adopted aimed at exploring the relationship Geography-Music, and from her and with her, instigating the process of learning about geographic phenomena. The music is by, for, with and about people in this sense the work in the classroom with music is intended to encompass these symbolisms and relationships, taking it in its entirety. A thinking and acting nonstop and sharply defined boundaries between walls and government brochures, between individual and collective opposition.

Keywords: Teaching Geography; music; Phenomenology

RESUMEN

Desde el Humanista Geografía y Fenomenología discutirá su experiencia motivada por " Canción de un pueblo de un lugar , " música de Caetano Veloso con los estudiantes del sexto año de la escuela primaria en los estudios de movimiento aparente del sol. La metodología adoptada el objetivo de explorar la relación Geografía-Música, y de ella y con ella, instigar el proceso de aprender acerca de los fenómenos geográficos. La música es de, por, con y sobre las personas en este sentido el trabajo en el aula con música pretende abarcar estos simbolismos y relaciones, teniendo en su totalidad. A pensar y actuar sin escalas y límites bien definidos entre las paredes y los folletos del gobierno, entre la oposición individual y colectiva.

Palabras clave: Enseñanza de Geografía; música; Fenomenología,

Elisabete de Fátima Farias Silva

lisa-geo@hotmail.com

Mestranda em GeografiaUNESP –
Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho” Instituto
de Geociências e Ciências Exatas,
Campus de Rio Claro.

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA DO TRABALHO: Por que a música?

O artigo seguinte faz parte da apresentação oral no 33º Congresso Internacional da Conferência de Geógrafos Latino-Americanos - CLAG, sob a temática geral do evento: “Interfaces do Espaço Latino-Americano”, realizado entre os dias 26 e 30 de maio de 2015, na Universidade Federal do Ceará – UFC. Inscrito para o eixo “Epistemologia, Filosofia e Educação geográfica” no campo das experiências com projetos educativos na América Latina, este texto é uma reflexão quanto às possibilidades da música no ensino de Geografia. Tendo como pressupostos teóricos a Geografia Humanista e a análise da experiência por um enfoque fenomenológico, pretende-se compartilhar a experiência vivenciada com alunos de 11 a 13 anos, em 6 turmas de 6º ano do ensino fundamental municipal em Ourinhos/SP, no ano de 2013, gerada a partir da música “Canto de um povo de um lugar” - de composição e interpretação de Caetano Veloso, original no álbum “Jóia”, lançado em 1975 - e estudos sobre o movimento aparente do Sol.

A ideia de uma Geografia Humanista, sua consolidação como campo disciplinar distinto nas décadas de 70 e 80 e suas relações nos últimos anos mais estreitas com a Geografia Cultural e a Geografia Histórica são abordadas por Holzer (2008) que faz uma discussão acerca dos principais autores e enfoques ao longo das décadas. De acordo com o autor:

“Humanismo”, conforme Tuan preconizava em 1976, refere-se a uma tentativa de análise das ações e produtos da espécie humana a partir de uma visão que amplia a perspectiva científica cartesiana, incorporando os estudos das humanidades na leitura abrangente de temas geográficos. (HOLZER, 2008, p.137).

A partir da década de 1970, novas matrizes epistemológicas e metodológicas no ensino e na pesquisa geográfica foram propostas, houve um florescer de Geografias(s). Assim sendo, para compreender o contexto de surgimento da Geografia Humanista “torna-se necessária a referência ao ambiente intelectual do final dos anos sessenta: o do movimento hippie, da revolta estudantil e do questionamento feroz dos padrões culturais e políticos instituídos.” (HOLZER, 2008 p.139).

É nesse sentido que o interesse pela música enquanto linguagem, manifestação, representação e simbolismo nos estudos em Geografia mostra certo rompimento dos interesses em temas elitistas que tal ciência insistia em consentir.

A música também vem romper com a tendência das pesquisas geográficas de cunho cultural apresentar análises, sobretudo, em aspectos visuais. De acordo com Castro (2009), que interpreta vários pensadores a esse respeito, a predominância revela o fato de a Geografia Humana ainda estar envolvida com uma política cultural que explorando o legado do iluminismo (ver é acreditar) e do pós-modernismo (imagem é tudo), permanecendo mergulhada na ideologia visual.

Napolitano em “História e música” afirma que:

A música não é apenas “boa para ouvir”, mas também é “boa para pensar”. O desafio básico de todo pesquisador que se propõe a pensar a música popular, do crítico mais ranzinza até o mais indulgente “fã-pesquisador”, é sistematizar uma abordagem que faça jus a estas duas facetas da experiência musical. (NAPOLITANTO, 2002, p.12)

Os documentos oficiais que orientam o ensino no país atentam também para o uso de diversas linguagens em sala de aula e para práticas pedagógicas que se valham

da criatividade e de formas lúdica que potencializem o processo de ensino-aprendizagem, preocupação presente na Lei de Diretrizes e Bases (9.394/96) e também nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997; 1998a; 1998b; 2000).

Estas orientações podem ser entendidas como incentivo à busca da diversidade metodológica, à integração entre as linguagens e o prazer no/do conhecimento. Cortella (2011, p.101) diz que “A busca do prazer e do gostar do que se está fazendo integra prioritariamente o universo discente e o universo da criatividade”. Contudo o prazer não vem apenas de uma das partes e, talvez seja essa inibição dos desejos da relação prazerosa, uma das tantas falhas no ensino. A proposta de se trabalhar com música não é porque será bom apenas para o aluno, definitivamente não. É porque, potencialmente, o prazer se dá entre todas as partes que compõem a escola e, pensar uma nova escola, é uma proposta antiga e nada fácil (NÓVOA, 2011). É preciso não apenas inserir novas metodologias na sala de aula é necessário pois, também, pensar o professor, o aluno, o espaço da sala de aula. Entender “a cultura como o mundo humano” (CORTELLA, 2011, p.105).

A metodologia adotada durante a atividade, que resultou na experiência a ser mais bem detalhada ao longo deste, visou explorar a relação Geografia-Música e, a partir dela e com ela, instigar o processo de aprendizagem acerca de fenômenos geográficos. A música é feita por, para, com e sobre pessoas, nesse sentido o trabalho em sala de aula com música tem a intenção de abarcar esses simbolismos e relações, tomando-a em sua totalidade. Mesmo com uma temática explicitamente definida, a situação de aprendizagem potencialmente proporcionada pela música é imensamente variada. Cada aluno, cada série, cada sala, cada escola, cada comunidade possibilita discussões e trocas diferenciadas, pois a música abarca, para muito além da análise restrita de seu uso pedagógico, sensações e percepções, memórias e vivências, cotidiano e hábitos, tradição e contemporaneidade, preferências e tendências construídas socialmente, contudo significadas individualmente.

Ora, com base na fenomenologia como então pensar a música? Associação de sons arranjados reproduzidos por um conjunto de instrumentos musicais e ou vozes. Para além desta descrição técnica, compreende-se a música como em Caldas (2010, XI - introdução):

[...] a música é muito mais do que o ouvir ou dançar. Ela transcende o caráter lúdico de que se reveste para ganhar conotações e importância no plano social e político. [...] Há toda uma trajetória na formação do Brasil estritamente ligada às questões de colonização, da escravidão negra, das imigrações europeias, das lutas políticas e, contemporaneamente, do prazer lúdico e político de participar da sociedade.

Quem fez, quando fez, para quem fez, porquê fez são perguntas que devem se referir a música para entendê-la de forma mais ampla, para que o os ouvidos pensem sobre ela (SHAEFER, 1991). A música foi feita por pessoas para pessoas e muito pode ser significada no ensino de Geografia, pois compreende em si uma linguagem própria que carrega os simbolismos de um tempo e de um espaço. No caso da Geografia escolar, a música apresenta uma das possibilidades de variação pedagógica, de estímulo à reflexão a partir do cotidiano, de (re)significação dos conteúdos e do prazer na construção e partilha do conhecimento.

No mais, a educação e o conhecimento estão no mundo, são, pois, o mundo; não apartado dele, em cartilhas com restritas orientações de como se fazer, de como “se dar aula”. O sentido deste escrito surge, por parte da autora, da postura adotada perante

a licenciatura de pensar e agir a partir da valorização da cultura brasileira, em sua diversidade artística e riqueza simbólica, tendo a história cultural como fonte de compreensão do mundo, num contínuo processo de dominação, resistência e transformação.

Abordar uma realidade cultural é tomar para estudo exatamente a transformabilidade de algo dinâmico que se cumpre na dialética entre continuidade e ruptura, inovação e tradição. Da colônia ultramarina do século XVI à república que somos agora, um mundo de aspectos se transformou, de tal modo que o Brasil de hoje pouco mais que remotamente recorda, sobretudo a observadores vindos de fora, suas origens coloniais. Quase cinco séculos se sucederam com suas profundas mudanças. No entanto, só a tomada de conhecimento do encadeamento histórico desses séculos pode possibilitar uma consciência mais sólida daquilo que agora temos como realidade brasileira. Isso aponta para o fato de que, embora as coisas tenham mudado muito, algo permanece – um certo condicionamento do presente pelos avanços, entraves e descaminhos do passado; temos uma trajetória histórica que nos esclarece e configura. Na descontinuidade das transformações, encontramos a insistência de um rosto nacional que paulatinamente amadurece e se mostra. (MORAIS, 1989, p.11).

Além disso, seja no âmbito escolar ou acadêmico, a ciência geográfica é por origem multidisciplinar e investigativa, capaz de associar diversas linguagens para elucidar o espaço humanizado. O professor é um constante pesquisador e nada mais desafiador entender o mundo a partir dessa manifestação cultural tão rica e estimulante como a música.

OBJETIVOS: falar o quê da música?

O objetivo deste texto é compartilhar a experiência vivida com o uso da música “Canto de um povo de um lugar”, de Caetano Veloso, com alunos do 6º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Jandira Lacerda Zanoni, em Ourinhos/SP, no ano de 2013, a partir da temática “movimento aparente do sol”.

Tendo por base a descrição desta experiência, refletir-se-á quanto à música no ensino de Geografia à luz da Fenomenologia, contextualizando a importância da cultura e sua significação no processo de ensino-aprendizagem.

MÉTODO E METODOLOGIA: Música, Geografia e Fenomenologia em que sentido?

Entende-se assim, que este trabalho fora dado na concepção fenomenológica. Husserl (1989, p.22), o precursor desse método, afirmou que “a Fenomenologia é a doutrina universal das essências, em que se integra a ciência da essência do conhecimento”, sentir é uma ciência a priori.

Holzer (2008, p.146) atesta que “em um momento em que as questões da geografia estão no plano da ontologia, todos os temas levantados pela geografia estão em aberto para a pesquisa”, contudo destaca que “dentro deles o que mais desafia a renovação do campo da geografia cultural, e de toda a ciência geografia, é o da aplicação rigorosa, consciente e corajosa do método fenomenológico”.

Em seu processo de consolidação como método e criação de arcabouço teórico, é certo afirmar que a Fenomenologia seja um humanismo, pois “Suas principais

tomadas de posição dizem respeito sempre ao homem, ao sentido de sua existência, à história, à cultura, ao projeto.” Pontua-se inclusive que “Em relação aos humanismos do passado, o da Fenomenologia não é propriamente antropocêntrico, pois, define o homem como ser-no-mundo.”

Rezende (1990, p.93) bem define o método fenomenológico, que segundo ele “admite uma dialética plena entre o processo e o projeto, entre o natural e o cultural, entre a necessidade e a liberdade. Mais ainda, a dialética ensinada pela fenomenologia não é linear, unidimensional, mas polissêmicas, polimorfa, simbólica.”

Nesse sentido, concorda-se plenamente que:

A subjetividade está na pauta do humanismo, como traz o enfoque fenomenológico. Este resgata o mundo vivido como escala e categoria de análise, permitindo a compreensão mais orgânica da relação homem-meio, através do conceito de lugar e o estudo da memória, dos símbolos e da identidade. Estes tornam esta relação mais viva e humana. Desloca-se o foco das macro-funções e macro-estruturas para os sentimentos e as relações, sem, contudo, ignorar tais macro-processos. Não se trata de negar outras posturas metodológicas, e sim de enriquecer o estudo geográfico, adicionando a ele outras dimensões. (MARANDOLA JR, 2005, p.409).

“A fenomenologia é um método de investigação filosófica, que consiste em descrever, de forma rigorosa, aquilo que aparece à consciência”. Tendo como objeto de estudo o fenômeno e não a realidade concebida em si mesma e desprovida das intenções do sujeito que a percebe, o método fenomenológico deve se ater à descrição das experiências que se tem das coisas. Não se concebe o sujeito como existência para si, desprovido de corpo, mas a perspectiva de ressignificá-lo a partir da experiência perceptiva. A realidade é aparição para uma consciência que a percebe. As coisas, consideradas pelas ciências como objetos puros e simples, ganham agora o caráter de objetos intencionais. Desse modo, a experiência perceptiva se confunde com a própria Fenomenologia (CAMINHA, 2010).

A Fenomenologia tem em sua filosofia a potencialidade de ensinar que educar exige um engajamento no cuidar do outro (*educare* – sentido original de educação que remete à conduzir para fora de si) para que coletivamente possa se construir formas de se viver no mundo. Sabe-se que a escola é o lugar da instrução geral e da integração entre os diferentes por excelência, sem reduzir os processos educativos ao cenário escolar, destaca-se no entanto que a escola merece uma atenção especial, por gozar ainda de um papel significativo na formação cultural do mundo contemporâneo. (CAMINHA, 2012, p.15 -18).

À Geografia o método fenomenológico vem possibilitar outros caminhos e leituras dos fenômenos geográficos. Tal como a música vem enriquecer o ensino de Geografia e despertar “ouvidos pensantes”, a integração dos seres humanos em suas dimensões lúdica e crítica, individual e coletiva, tornam a análise científica menos apartada da realidade totalizadora da vida, do mundo.

Dito isso, não basta afirmar que se fez as atividades em sala de aula tendo por base o método da Fenomenologia. É preciso ressaltar que a postura fenomenológica exige uma noção do outro, dos encontros das diferentes visões de mundo. Durante todo o ano de 2012 que se trabalhou com aquelas 6 turmas de 6º anos esta postura guiou o desenvolvimento dos conceitos, das aulas, das trocas, da afetividade e também das dificuldades, decepções e divergências. Para que a atividade da música de Caetano fosse aqui discutida, muitos acordos foram feitos, muitas propostas deram errado, muitos “10” e muitos “0” e tudo isso fez parte da escolha metodológica de explorar no cotidiano da sala de aula novas formas de ensinar, de esforçar-se para ouvir dos alunos o que e como gostariam de aprender, de entender que se não toca não se experiencia e não se apreende.

Por isso a importância do tempo, de pensar no processo, no pré, durante e pós atividade, não é fazendo esparsamente “aulas show” que os alunos entenderão a utilização das diferentes linguagens no ensino. Este escrito faz parte da tomada da educação como um projeto de vida: uma atividade gera outra, complementam-se, distinguem-se, dedobram-se, é o cotidiano que contém o espetacular.

EDUCAÇÃO E FENOMENOLOGIA

Na atividade com a música “Canto do povo de um lugar”, e, de certa forma, com as demais músicas trabalhadas durante aquele ano letivo, procurou-se desenvolver as aulas de a partir de uma dimensão pedagógica da Fenomenologia. Esta dimensão abrange o discurso significante, compreensivo, interpretativo e recursivo, a descrição significativa, pertinente, relevante, provocante e suficiente (REZENDE, 1990). Assim sendo, vale destacar que:

O discurso fenomenológico descreve uma espiral em torno de um núcleo central que é a existência, de sorte que se torna indispensável completar ao menos uma volta, percorrendo os diversos lugares de manifestação do sentido. As outras voltas permitirão ver ainda melhor o que a primeira começou a revelar. (REZENDE, 1990, p.26)

Dessa forma a experiência realizada enquanto professora, lança uma luz sobre os temas Geografia e música, ensino e cultura brasileira. Percepção de um dos acontecimentos que abriram horizontes, mas que a cada um dos 180 alunos gerou outras interpretações, tal qual poderão ser ainda outras nos leitores desse artigo. Porém, de forma alguma essas múltiplas interpretações são tidas como negativas ou falsas e isto na verdade é o que torna tão atraente, vivo e dialético a dimensão pedagógica na Fenomenologia:

Além de simbólica, estruturada e histórica, a experiência da interpretação é também um fenômeno social. Não só indivíduos diferentes mas grupos humanos historicamente situados podem interpretar diferentemente. Mais ainda, o pensamento individual tem sempre alguma ligação profunda com o de seu grupo e de sua época. No entanto, a importância do coletivo na percepção e não interpretação do sentido não exclui e elimina a possibilidade de um discurso em primeira pessoa. Tanto a linguística como a sociologia do conhecimento levam e fenomenologia a enunciar o risco da alienação do sujeito do discurso, tanto na teoria como na prática, o que, por outro lado, não elimina o conflito entre a facticidade e transcendência, tanto em relação ao indivíduo como ao grupo. A interpretação não é apenas relativa ao social, mas ela própria traduz a significação de uma existência social concreta. (REZENDE, 1990, p.30-31)

A abordagem fenomenológica tenta pois “Abrir os horizontes e apresentar alternativas”, sendo “Uma das críticas mais sérias que se pode fazer aos pesquisadores é que eles se manifestem particularmente desprovidos de criatividade, e extremamente acanhados na formulação de propostas alternativas” (REZENDE, 1990, p.71). Indo de frente a esse acanhamento, esse artigo é o compartilhamento de uma experiência em sala de aula, mas que, de sobremaneira, tem como plano de fundo a possibilidade da associação entre Geografia e música, Geografia e artes, Geografia e linguagens na

compreensão do espaço, na elucidação do mundo, no desvelar, descobrir, discutir as relações entre dinâmicas da natureza e ações humanas. E esse plano de fundo é pois uma forma de ver e entender a realidade, uma postura dessa professora para com o ensino. Uma fenda aberta para um ensino de Geografia criativo e crítico.

Para Rezende (1990), o fenômeno da educação é, pois, a aprendizagem da cultura e essa aprendizagem é uma experiência tipicamente humana. Portanto falar de educação é falar de cultura, fazer educação é fazer cultura, abrangendo os tópicos que constituem o mundo humano. E a aprendizagem é assim entendida como um processo, tal qual a vida e a História, um processo de acontecimentos que proporciona o sentido da existência, fazendo-se dinamicamente, poder-se-á então falar de consciência histórica, teórica e prática nesse processo:

É nos acontecimentos que emerge o sentido da existência, não de maneira simplesmente expositiva, mas dialética e crítica, isto é, pondo em questão esses mesmos acontecimentos e seu sentido. [...] Em outras palavras, trata-se de se compreender a dinâmica da história como sendo a dinâmica da própria estrutura cultural; a gênese do sentido como dialética, propiciando uma interpretação crítica do discurso histórico-cultural. Mais ainda, a aprendizagem cultural não será a de uma cultura feita mas se fazendo, e a consciência cultural será simultaneamente uma consciência histórica, teórica e prática. (REZENDE, 1990, p.62).

Por isso, a educação no país não está assim por si própria, “Os acontecimentos são atos humanos, embora situados em relação à facticidade e à temporalidade [...] A história não deve ser naturalizada, reificada, como se tratasse de um processo autônomo, independente dos seus sujeitos” (REZENDE, 1990, p.63). O que se passa hoje na educação e ensino no Brasil são pois resultantes de processos históricos, nos quais as ações e valores humanos fazem e são feitos:

A educação como aprendizagem da cultura em sua história se fará, por tudo isso, particularmente atenta aos acontecimentos do passado e do presente, procurando compreender como a cultura é produzida, em vista de uma participação mais significativa nos acontecimentos futuros e o prosseguimento da história cultural. Educa-se é aprender a fazer a história, fazendo cultura. Isto é trabalho. (REZENDE, 1990, p.63).

Assim pois, a práxis educativa está diretamente ligada à cultura, dentro da Fenomenologia não se dissocia educação e cultura, isso porque ambas são próprias do mundo humano. No entanto, na análise dos currículos oficiais e na vivência escolar percebe-se tal distanciamento, enfatizando determinadas questões, determinados tópicos, em detrimento de uma visão totalizadora. Rezende (1990) comenta, por exemplo, a redução da dimensão “trabalho” a apenas um dos campos da cultura, o econômico, com a perda de sua relação com a estrutura global.

Ora, o contexto em que se vive promove em grande parte o que se pensa e o que não se pensa, como se age no espaço e no tempo. A postura perante as coisas, acontecimentos e instituições provém de fatores internos e externos, individuais e coletivos. No quadro da educação, “A maneira como a sociedade encara o trabalho educacional passa mesmo a ser uma das características culturais mais significativas”. No contexto capitalista, “o trabalho sofreu uma redução economicista de seu sentido, tendo como consequência uma supervalorização de sua função como gerador de capital, e uma correspondente desvalorização de seu papel como gerador de cultura”. O fator

orçamentário, a prioridade e continuidade de projetos, por exemplo, no que tange à educação e a cultura brasileira são sinais “de que o desenvolvimento industrial econômico está sendo visado às custas de nosso subdesenvolvimento cultural”. O que corrobora para a ideia de um processo histórico no Brasil: “Na perspectiva da dinâmica cultural, este fato significa que a dominação econômica gera necessariamente uma cultura dominada e subdesenvolvida. (REZENDE, 1990, p.72).

Entretanto, a perspectiva da concepção fenomenológica em educação e a visão do ensino como ação cultural não é de se ocupar no que está dentro do sistema, mas o que lhe falta. “Insistir na perspectiva do u-tópico”: “O que está faltando é indispensável para a plenitude do sentido [...] trata-se de reconhecer e fazer ver que *há mais sentido* além daquele que se manifesta na estrutura atual deste mundo assim constituído. (REZENDE, 1990, p.81).

MÚSICA E ENSINO: possibilidades

Quando nos propomos a usar a música associada a uma outra disciplina, como características distintas dessa arte, deparamo-nos com duas pertinentes constatações: uma favorável e outra desfavorável [...] A principal vantagem que obtemos ao utilizar a música para nos auxiliar no ensino de uma determinada disciplina é a abertura, poderíamos dizer assim, de um segundo caminho que o não verbal – mais comumente utilizado. Com a música, é possível ainda despertar e desenvolver nos alunos sensibilidades mais aguçadas na observação de questões próprias à disciplina alvo. Porém paradoxalmente, a principal desvantagem da utilização da música associada a outra disciplina é o fato de ela se caracterizar como outra linguagem e, dessa forma, apresentar inúmeras barreiras ao profissional que intencione dela fazer uso, mas que não a domine (ou pense que não a domina). A música é, por essa razão, um tipo de expressão humana dos mais ricos e universais e também dos mais complexos e intrincados. (FERREIRA, 2002, p.13).

A esses riscos que Ferreira (2002) aponta, somam-se outros, como os especificados por Pinto (2001, p. 222-223) ao criticar que: “Um mal-entendido comum entre pesquisadores não familiarizados com a documentação musical é que pensam estar analisando e falando de música, quando na verdade discorrem sobre a letra.” E, ainda quanto a outros que “quando não sabem ler partitura, deixam a manifestação musical de lado por completo, como se ler partitura fosse sinônimo de entender e pré-condição para falar sobre música.” Para o autor a “música raras vezes apenas é uma organização sonora no decorrer de limitado espaço de tempo”, pois na realidade “É som e movimento num sentido lato (seja este ligado à produção musical ou então à dança) e está quase sempre em estreita conexão com outras formas de cultura expressiva.” Portanto, “Considerar este contexto amplo, quando se fala em música, é estar adotando um enfoque antropológico”. Concorde-se assim que a música é uma forma de comunicação que possui, semelhante a qualquer tipo de linguagem, seus próprios códigos. Entendê-los é importante, mas isso não inviabiliza seu uso por leigos nas técnicas da linguagem musical, até mesmo porque a “Música é manifestação de crenças, de identidades, é universal quanto à sua existência e importância em qualquer que seja a sociedade.” Fato é que se caracteriza por ser singular e de difícil tradução, quando apresentada fora de seu contexto ou de seu meio cultural.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA: como aconteceu a música?

A experiência aqui compartilhada é referente ao ano de 2012 quando a autora desse lecionava Geografia em 6 turmas de 6º ano, na escola municipal Jandira Lacerda Zaroni, no bairro Itamaraty, Ourinhos/SP. Em muitas outras aulas anteriores ao uso de “Canto do povo de um lugar” já se havia trabalhado com músicas em temáticas diversificadas, portanto os alunos já vinham construindo conjuntamente um hábito de ouvir e falar em momentos adequados de modo a potencializar a riqueza da atividade direcionada.

Não foi fácil a conquista de confiança e respeito, tanto deles para comigo, quanto de mim para com cada um, principalmente os mais inquietos, confesso. Mas nesse processo todos saímos ganhadores, no mínimo pela aprendizagem de valores sociais. A troca acontecia, em especial, porque havia nas aulas um desejo explícito: inventar e reinventar posturas, linguagens, atividades pra que pudéssemos avançar nos conteúdos, na criticidade, em amadurecimento. E eu percebia que eles percebiam e me retribuía, com atenção, respeito e até mesmo medo e carinho. Sentimentos próprios das relações humanas, ainda hierarquizadas, enfileiradas, enformadas, mas sobretudo humanas, com limitações e contratempos em ir ao banheiro, em emprestar um lápis ou empurrar o colega.

Entre capítulos de livro didático, vídeos, estudos do meio, conversas e avaliações, lá estavam em nossa rotina, as músicas. Foram trabalhadas durante o ano letivo cerca de 15 músicas nos sextos anos e 30 nos sétimos anos daquela mesma escola. Cada tal com sua metodologia, os sextos eu realmente discutia verso a verso, enviava como tarefa para a casa e cobrava na avaliações, já os sétimos algumas eram discutidas, mas a maioria era ouvida e analisada como trilha sonora de vídeos e cliques ou como indicação para casa.

Especificamente a atividade com a música “Canto do povo de um lugar” se deu no 3º bimestre no conteúdo programático referente à orientação, dominação e ação dos seres humanos sobre a Terra e seus recursos naturais. Trabalhadas a formação do planeta e sua dinâmica nos primeiro semestre, o segundo tinha como enfoque a sociedade. Essa música veio pois na tentativa de interligar essas grandes temáticas - o físico e humano – e, destacar o fato de que, por mais que esqueçamos, somos e dependemos da natureza.

Depois de uma breve conversa, pedi aos alunos que anotassem o que eu havia escrito na lousa. Copiada na lousa a letra da música era, aparentemente, simples: 4 tercetos em 7 e 4 sílabas poéticas, rimas toantes, ritmo bem marcado. Tiro os instrumentos da bolsa e aquela euforia tomou a sala, prometi que todos iriam tocar um pouquinho e então consegui dar continuidade na atividade. Lemos juntos a letra e então começamos a cantarolar, quando as vozes já estavam firmes então os instrumentos completaram o som fazendo juz a linda canção. À incrível atenção que lhe foi dada, tão clara na mensagem quanto suave na melodia, “Canto do povo de um lugar” foi acompanhada em coro por um velho agogô a fazer em ijexá o que as mãozinhas respondiam batendo na carteira verde rabiscada da sala, caxixi e latas com sementes preenchiam os espaços dando corpo à música.

6 turmas com meninos e meninas de 11 a 13 anos. Aproximadamente, 180 histórias, 360 ouvidos. Cada qual uma sensação. O objetivo era a provocação através do som, uma construção coletiva em que o desafinar, sair do ritmo, zombar de si próprio faziam parte tanto quanto os conteúdos didáticos. É inesquecível como aquela atividade me marcou, foi um acontecimento significativo - no sentido fenomenológico da palavra - em meus curtos anos de licenciatura em Geografia ali naquela escola. Experiência

introjetada de tal maneira que me guiou por, de volta à Academia, pesquisar as relações Geografia-Música no mestrado.

Ora e a finalização da atividade com a música de Caetano não foi outra senão uma imensa satisfação pela troca possibilitada. A mensagem, acredito eu, foi passada com clareza: mesmo perante a artificialização tecnológica são pois o relógio biológico, inverno, verão, sóis e luas que ritmam a existência da vida. Somos e dependemos da natureza, não de uma forma romantizada e simplista, somos químico, biológico, histórico e geograficamente condicionados por ela.

A natureza está encarnada nos seres humanos e nós, humanos, também nos colocamos nela. A letra da música ao retratar que o sol levanta, a terra cora e a lua é mansa está a personificar os elementos da natureza, ou seja, dar à natureza características propriamente humanas. Por sua vez, a letra também aponta para a ligação dos seres humanos com o natural, que se mostra através de nosso estado de espírito: cantar ao sol nascer, chorar quando finda a tarde, dançar venerando a lua e sonhar na madrugada. Mas essas ações e sentimentos não são iguais para todos, dependendo do povo, do lugar, do tempo, do indivíduo existem diferentes percepções. Existem preferências, hábitos e costumes que modificam a relação humana com a natureza. Por isso: “Canto do povo de um lugar”, do povo porque demonstra coletividade, um jeito peculiar daquele agrupamento e de um lugar porque especifica a relação daquele agrupamento com uma determinada porção do espaço.

Com entusiasmo ou timidez, discutiu-se cada verso, sentiu-se cada instrumento até soar o estridente sinal da escola. Nas aulas seguintes mais (re)percussões. Antes mesmo de colocar o pé na sala já vinha alguém perguntando se eu havia trazido o agogô ou qual música seria dessa vez. Era notável o desejo por mais, a vontade de continuação, o interesse.

Falamos sobre os astros; sobre as navegações marítimas e colheitas que se baseavam na observação dos elementos da natureza; na contagem de tempo utilizados por diversos povos, chegando aos nossos relógios e calendários; nas diferentes estações do ano e suas características; hábitos diurnos e noturnos; influência do tempo ensolarado, chuvoso ou cinzento no ânimo das pessoas; na ganância dos seres humanos frente à dominação da natureza; nos pequenos detalhes do dia a dia e nas grandes dinâmicas e fenômenos geográficos que envolvem a temática.

Dependendo do ritmo e das características da sala, essa música foi trabalhada em 2 ou 3 aulas. Na certeza de que ali não era o seu fim, a discussão não se dava por acabada e nem tão pouco o conhecimento sobre. Tanto é que em outros momentos, este ou aquele aluno puxava da memória “Canto do povo de um lugar” e fazia-nos reviver aquelas aprendizagens, suscitando novas.

Minha audácia em detalhar tais minúcias e escrever em primeira pessoa nesse trecho de um artigo científico é do tamanho da minha necessidade em compartilhar tal experiência. Porque não consegui escrever de outra forma, vontade era de dizer tanta coisa: de dizer que não foi fácil, que a teoria não recobre as possibilidades de uma sala de aula com 30 universos pensantes a cada 50 minutos sendo bombardeados e bombardeando mais e mais informações; de dizer que o processo é tão importante, ou quiçá mais, que o resultado; que não fiz nada sozinha e que foi me dado a possibilidade de aprender; que não quero de forma alguma idealizar o trabalho com música, nem tampouco a profissão professor. E, para isso a descrição em primeira pessoa se fez fundamental – tal como proposto por Rezende (1990) uma descrição significativa, pertinente, relevante, provocante e suficiente, recorrendo ao discurso significativo, compreensivo, interpretativo e recursivo. Na certeza de que o dizer não basta, não recobre, não contempla o todo vivido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: aprendizagem como ação cultural

O fazer da atividade em sala de aula e posterior compartilhar dessa atividade a nível de Congresso Internacional é parte integrante da tentativa de encontrar caminhos na compreensão do espaço através da cultura e de sua expressão em diferentes linguagens. Independente se o espaço é escolar ou não-escolar a música tem o encantamento que poucas linguagens possuem e se mostra como possibilidade na mobilização individual e coletiva para a construção do conhecimento, na reflexão crítica do cotidiano e da sociedade, no movimento dialético do consumo e produção de cultura que perpassa pelo indivíduo mas é, sobretudo, construído socialmente.

Por sua vez, a adoção do método fenomenológico no trabalho desenvolvido na escola foi de fundamental importância para se considerar a relação Geografia-Música, já que a Fenomenologia “[...] supõe e exige uma reformulação de todo o problema da consciência e da subjetividade, que não é somente inteligência, liberdade, espírito, nem só corporeidade, inconsciente, determinismo, mas tudo isso em constante relacionamento existencial dialético.” (REZENDE, 1990, p.36). Entender os acertos e erros, direcionamentos e desvios das atividades é uma maneira de se repensar enquanto profissional, que por mais que se projete algo idealmente quando não se releva para quem se projeta e como se projeta, os projetos tendem a ruir. O não-projetado também é um resultado e não deve pois ser ignorado no percurso. O erro só é erro se comparado ao acerto, o indivíduo só é indivíduo se comparado ao coletivo, e a eles pertence, complementa e distingue-se.

Pensar o mundo por meio da música é uma proposta associativa: não é apenas música, - letra, ritmo, melodia, movimentos artísticos, - não é apenas dança, não é apenas roda de discussão. É a associação da linguagem na construção de conhecimento, valores e projetos de sociedade na valorização e reconhecimento da cultura. É o processo de ensino-aprendizagem com o corpo todo: olhos, ouvidos, memória, braços, pernas, mãos e pés, dentro ou fora da escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUER, M.W. Análise de ruído e música como dados sociais. In: BAUER, M.W.; GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. 6ed. GUARESCHI, P.A. (trad.). Editora Vozes: Petrópolis/RJ, 2007. pp.365-390.
- BRÉSCIA, V.L.P. Educação musical: bases psicológicas e ação preventiva. 2ed. Campinas: Editora Átomo, 2011.
- CASTRO, D. Geografia e música: a dupla face de uma relação. Espaço e cultura, UERJ, RJ, n. 26, p. 7-18, jul./dez 2009. Disponível em: < <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/3551/2471>>. Acesso em 05/04/2010.
- CAMINHA, I.de o. Fenomenologia e Educação. In: Trilhas Filosóficas – Revista Acadêmica de Filosofia, Caicó-RN, ano V, n. 2, p. 11-21, jul.-dez. 2012. ISSN 1984-5561. Disponível em: <<http://periodicos.uern.br/index.php/trilhasfilosoficas/article/view/762>>
- FERREIRA, M. Como usar a música na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2002. 2ª ed. – (Coleção como usar na sala de aula).
- HOLZER, W. A Geografia Humanista: uma revisão. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, n. 3, p. 8-19, 2008. Disponível em<<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/viewFile/6142/4414>>: Acesso em 01/0/2012

JANOTTI JR, J. Música popular massiva e gêneros musicais: produção e consumo da canção na mídia. In: **Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo, vol. 3, n.7, p.31 – 47, jul 2006. Disponível em: [http<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/69 >](http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/69). Acesso em 01/05/2011.

MARANDOLA JR., E. Humanismo e a abordagem cultural em Geografia. In: Revista de Geografia. Rio Claro, SP: Associação de Geografia Teorética, v. 30, n. 3, set. / dez. 2005.

MORAIS, R. Cultura brasileira e educação. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

NAPOLITANO, M. História & música: história cultural da música popular. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SCHAFER, R.M. O Ouvido Pensante. Magda R. G. da Silva, Maria Pascoal, Marisa T. de O. Fonterrada (trad.). São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1991.

REZENDE, A.M. Concepção fenomenológica da educação. São Paulo: Cortez, 1990.